



Capitalismo Cognitivo e o Circuito Fora do Eixo. Economia Imaterial e Novas Formas de Distribuição no Mercado Musical¹

Paula FALCÃO²

Fabio MALINI³

Universidade de Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

A passagem do fordismo ao pós-fordismo é o marco da transição de uma lógica de reprodução a uma lógica da inovação, de um regime de repetição a um regime de invenção. Essas transformações geram mutações profundas que alteram a maneira como o capital é dotado de valor, pois constituem a passagem do modelo capitalista industrial a algo que se pode denominar “capitalismo cognitivo”. Esse novo modelo de capitalismo dissemina que, por serem bens intelectuais, os conhecimentos não podem ter sua valorização pautada nas mesmas leis que fundamentam a valorização das mercadorias. Este trabalho tem como objetivo central entender as implicações desse novo capitalismo e como objetivos específicos entender como artistas e coletivos articulam-se baseados no princípio de livre difusão de bens imateriais.

Palavras-chave

Bens intelectuais; capitalismo cognitivo; distribuição; economia imaterial; mercado musical

Capitalismo Cognitivo e os Bens Intelectuais

“Os conhecimentos são bens gratuitos e tão indivisos quanto infinitos” (Tarde)

A passagem do fordismo⁴ ao pós-fordismo⁵ pode ser vista como a transição de uma lógica de reprodução a uma lógica da inovação, de um regime de repetição a um regime de invenção. Enquanto no período fordista a valorização repousava essencialmente sobre o controle do tempo de reprodução de mercadorias padronizadas,

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Estudante do 8º período do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, da Ufes (Universidade Federal do Espírito Santo), e-mail: paulafalcaos@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social na UFES, e-mail: fabiomalini@gmail.com

⁴ As principais características do fordismo são a automatização, os princípios de padronização e simplificação Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fordismo> acessado em 22 de março de 2011

⁵ Fundamentado na idéia de flexibilidade, o pós-fordismo é um regime de produção que atua com estoques reduzidos, voltando-se para a fabricação de pequenas quantidades, com os objetivos de suprir a demanda do momento exato (*just in time*) e de atender um mercado diferenciado, composto por públicos cada vez mais específicos. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-fordismo> acessado em 22 de março de 2011



produzidas com tecnologias mecânicas, no pós-fordismo a valorização repousa sobre o conhecimento, sobre o tempo de sua produção, de sua difusão e de sua socialização. Portanto, pode-se afirmar que “a um tempo de repetição opõe-se um tempo de invenção” (Bergson, 1989). Assim, é a própria dimensão cognitiva agora o que importa, seja a cognição resultante dos conhecimentos incorporados à mercadoria, seja aquela sinônimo de processos subjetivação materializados em inúmeras formas de inovações produzidas através de inúmeras formas de cooperação social. A passagem para o capitalismo cognitivo é mais do que um momento pós-industrial, mas o projeto de um capitalismo cujo eixo é a indústria, mas o centro da produção é a própria rede (social e técnica).

Essas transformações geram mutações profundas que alteram a maneira como o capitalismo constitui valor às mercadorias. Isso porque não denotam apenas mudanças no âmbito do capitalismo industrial, mas sim a passagem desse modelo capitalista industrial a algo que autores como Lazzarato, Moulier-Boutang e Cocco denominam de “capitalismo cognitivo” - uma nova fase produtiva marcada pela informatização da produção.

Opor um período histórico no curso do qual o valor tinha origem na produção de bens homogêneos e reprodutíveis a um período histórico novo no curso do qual o valor tem origem principalmente na mudança e na inovação (...) Em uma sociedade pós-fordista e cognitiva, é a inovação que se transforma no principal fator de valorização. (PAULRÉ, B. 2000, p.37)

A característica produtiva dessa “nova economia” será a interatividade, capitaneada pela integração da forma (indústria de hardware e eletrônico), do conteúdo (indústria de software, cinema, programas televisivos) e da difusão (indústria de telecomunicações e informática). “Quer dizer que a produção cultural e o desenvolvimento das redes de difusão – *networks* – e das tecnologias de *two ways* [interativas] não atravessam somente o mercado de multimídia, mas o conjunto das atividades econômicas”. (COCCO, 1995, p.03)

O caráter novo do capitalismo cognitivo é ser um modo de produção amplamente socializado, “baseado, portanto, sobre a comunicação social (esta é que alimenta a inovação, as tecnologias da informação e a chamada economia do conhecimento) de atores flexíveis e móveis”⁶.

⁶ Cocco, 2002, p.46



O regime capitalista, no final do século XX, passa a não orientar seus ganhos preponderantemente na energia do trabalho, e sim, no aspecto cognitivo deste, o que obviamente provoca profundas alterações nos papéis, nos processos e no modo de produção econômica. A despesa material de uma mercadoria como o sapato Nike é de 10 a 15%. O seu principal custo advém da política de gestão da marca (o ex-jogador de basquete Michael Jordan chegou a receber anualmente mais do que todos os funcionários asiáticos da marca receberiam em um ano). A política de marketing (*branding*) e as inovações técnicas – ou seja, suas dimensões imateriais – que são adicionadas ao calçado são o que compõem o principal vetor de valorização dessa mercadoria.

A noção de bens intangíveis não só deve ser usada para caracterizar os bens informacionais (software, por exemplo), mas para denotar como a inovação e a inventividade dão a forma e o valor das mercadorias no capitalismo atual. “É a tradicional separação entre produção e consumo que entra em crise. O paradigma pós-fordista define-se como “paradigma social” exatamente porque o novo modo de produção integra estes dois momentos e faz com que a circulação e a comunicação se tornem imediatamente produtiva”⁷.

Como ressalta Negri & Hardt (2005), organizar a produção ocorre menos na linearidade das linhas de montagem do que nas relações difusas das redes. A fábrica então é tornada eixo da produção, e não mais em seu centro (Cocco, 1997). O capitalismo cognitivo representa assim o paradigma da produção em rede.

“Hoje, em contrapartida, vemos redes por toda parte – organizações militares, movimentos sociais, formações empresariais, modelos de migração, sistemas de comunicação, estruturas fisiológicas, relações lingüísticas, transmissores neurológicos e até mesmo relações pessoais. Não é que existissem redes anteriormente ou que a estrutura do cérebro tenha mudado. É que a rede tornou-se uma forma comum que tende a definir nossas maneiras de entender o mundo de agir nele. E, sobretudo, da nossa perspectiva, as redes são a forma de organização das relações cooperativa e comunicativas determinadas pelo paradigma imaterial da produção. A tendência dessa forma comum para se manifestar e exercer sua hegemonia é o que define o período” (Negri & Hardt, 2005, p.191)

⁷ Cocco, 2002, p.47



Mas por que falamos hoje de um capitalismo cognitivo, se, desde o momento que a produção se industrializou, o conhecimento (como ciência e tecnológica) já era aplicado nas máquinas?

Em uma análise consistente, Enzo Rullani⁸ responde a essa indagação ao investigar as características e finalidades do conhecimento desde o início do industrialismo. Para Rullani o primeiro conhecimento que foi aplicado na produção industrial era de tipo determinista, pois sua tarefa era “de controlar a natureza através da técnica e os homens através da hierarquia”. Esse conhecimento industrialista impulsionou um notável crescimento da produtividade e dos empregos, mas às custas da neutralização da força viva do trabalho e à sua transformação em atividade mecânica e utilitária. Era um conhecimento objetivo, pois subjugava o homem e à natureza ao domínio da produção de valor ao capital: o conhecimento era as máquinas, os mercados e o cálculo econômico.

Reduzindo o conhecimento a um simples modo de cálculo e de controle técnico, a modernização reprimiu a variedade, a variabilidade e a indeterminação do mundo, para conformá-lo às exigências da produção. [...] A modernidade reduziu e maneira forçosa a complexidade do entorno natural, do organismo biológico, o espírito pensante e da cultura social, às dimensões toleradas pela fábrica industrial.

Gorz (2005) denomina o trabalho no capitalismo cognitivo como produção de si, um autoempreendimento. “A pessoa deve, para si mesma, tornarse uma empresa; ela deve se tornar, como força de trabalho, um capital fixo que exige ser continuamente reproduzido, modernizado, alargado, valorizado”.

O conhecimento hospedado nessas redes sociais tornase insumo para que haja criações e recriação, que, depois de produzidas, retornam em parte para as mesmas redes de onde saíram suas bases e referências. Isso gera um rendimento em escala sempre crescente: quanto mais se sabe, mais se é capaz de saber. E provoca a intensificação do trabalho imaterial sob a forma de trabalho reticular e cooperativo – porque se processa a partir das capacidades de autoorganização, de comunicação e de cooperação em rede entre os sujeitos.

Para Weissberg (in Cocco et al, 2003), um subproduto desse trabalho reticulado é as novas formas autorais distribuídas, concretizadas em manifestações como: assinatura coletiva, impossibilidade de distinguir o que é de quem, assinatura coletiva com atribuição individual por todo ou parte. Isto paralelamente a intensidade de novos

⁸ Rullani, 2004, p.99128

autores únicos que surgem nas redes por conta da novidade de suas linguagens singulares.

As novas tecnologias interativas são uma verdadeira ruptura na história das técnicas, pois une aquilo que sempre esteve separado, a máquina (hardware) e a sua programação (software). O instrumental e a comunicação. Essa recomposição – para além de todo maniqueísmo manual versus intelectual – exprime uma produção que se tornou “criação de usos”, pois o seu instrumento primordial, as tecnologias multimídias e o computador, são metamáquinas relacionais. “O PC em rede é literalmente uma caixa vazia: a metamáquina não tem mais função nem valor utilidade em si; apenas a maneira como é aplicada e o uso que dela se faz lhe conferem função e utilidade”⁹.

Atualmente, a produção tornase fortemente marcada pelo comunal, isto porque todo conhecimento carrega consigo a sua natureza coletiva e comunitária. Assim, uma inovação na química fina para a indústria, a alteração de um processo de trabalho para uma indústria automobilística ou ainda uma nova função (como serviço) no celular para a indústria das telecomunicações, são fatos que têm em comum a existência da inovação no núcleo da construção de novos valores sociais e econômicos. A inovação é permanentemente desenvolvida por comunidades, que, por conseguinte, devem suas invenções aos saberes sociais inscritos no tecido social.

À diferença dos meios de produção do industrialismo, o saber agora pode ser reproduzido, praticamente a custo zero, em quantidades ilimitadas. Como realça Jollivet (in Cocco et al, 2003) o verdadeiro trabalho é a atividade da primeira peça, do original. “Isto vale para os programas de software, bem como para o conteúdo de saber embutido nos medicamentos”, aponta Gorz.

Essa possibilidade do “custo zero” remete a uma crise na idéia de rendimento decrescente presente na visão econômica do capitalismo industrial. Essa idéia se sustentava na assertiva de que os acréscimos de produção de um bem vão se tornando cada vez menores na medida em que se adiciona mais unidade de determinado fator produtivo, mantendo a quantidade dos restantes fatores produtivos constante.

Essa nova fase do capitalismo dissemina que a valorização dos conhecimentos não pode funcionar segundo as mesmas leis que fundamentam a valorização das mercadorias. “Estas leis diferem profundamente daquelas imaginadas pelo pensamento liberal ou marxista em suas respectivas teorias do valor; conseqüentemente, o

⁹ Corsani, op. cit, p.2



capitalismo cognitivo funciona de maneira diferente do simples capitalismo” (RULLANI, 2000, p.87).

O conhecimento não é uma mercadoria como as outras (LAZZARATO, 2000); no entanto, até o momento em que estava submetido à lei da repetição e à produção de mercadorias por mercadorias, segundo a lógica de valorização do capital, sua especificidade ficava escondida atrás das mercadorias que o incorporavam. Desincorporados de qualquer suporte material, os conhecimentos desequilibram as teorias do valor, tanto a marxista quanto a neoclássica, recolocando o problema de sua valorização, pois, em virtude mesmo de sua desincorporação, eles podem ser reproduzidos, trocados, utilizados separadamente do capital e do trabalho (RULLANI, 2000).

Quais são as características específicas que fazem do conhecimento uma mercadoria diferente das outras? Pode-se dizer que sua produção escapa à lei dos rendimentos decrescentes e que eles não são escassos. Sobre o “consumo” de conhecimentos, pode-se dizer que ele não é destruidor, ou seja, o fato de utilizar conhecimentos não implica o esgotamento de sua utilidade ou sua degradação. Ao contrário, a utilização de um conhecimento é uma atividade criadora, pois o conhecimento evolui com o uso que se faz dele. Quanto à “troca”, ela não constitui perda nem sacrifício – na verdade, o termo “troca” é apenas uma metáfora, pois aquele que fornece um conhecimento não fica por isso privado dele (CORSANI, 2003).

Em um mundo de produção de mercadorias por mercadorias, no qual o conhecimento é incorporado em alguma coisa, os direitos sobre a propriedade intelectual (patentes, licenças) constituem um vetor importante de difusão e de socialização dos conhecimentos, pois, em sua ausência, o processo seria muito mais longo e custoso. Entretanto, em um mundo de produção de conhecimentos por conhecimentos isso não acontece: o conhecimento, desmaterializado, não tem nenhum valor fora da troca – ou seja, só tem valor se for “trocado”, ou seja, quando se difunde (CORSANI, Antonella. 2003, p.29).

Nesse contexto, pode-se afirmar que, se o “motor” da acumulação do capital foi baseado no positivismo científico que “recolheu, no século passado, a herança das Luzes, e inscreveu o saber na reprodutibilidade” (RULLANI, 2000, p.88), o motor da acumulação de conhecimentos baseou-se no poder de forças sociais que constituiu o saber na invenção e na cooperação livre.

A apropriação social das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) tem papel fundamental nessa lógica da cooperação. Isso porque, segundo



definição de Corsani, podemos considerá-las como um sistema integrado de suportes ou de meios criado com a finalidade de servir, no consumo, à realização de um conjunto indeterminado de atividades. Portanto, as NTIC auxiliam essa cooperação horizontal, que amplia graças à multiplicação e à interconexão das redes virtuais, possibilitando a cooperação social – esta, por sua vez, não pode ser submetida à disciplina da fábrica nem ficar fechada na empresa e submetida a seu controle hierárquico.

Irredutíveis aos conhecimentos tecnológicos, os conhecimentos produzidos e valorizados no capitalismo cognitivo são, de maneira enredada, conhecimentos científicos, técnicos, artísticos, ideológicos, e isso por duas razões. Inicialmente porque sua produção se faz em locais exteriores à fábrica. Em segundo lugar, as NTIC, produto de consumo e ferramentas de trabalho ao mesmo tempo, não têm uso em si; sua função, seu uso é construído, inventado pelo usuário.

Graças às NTIC, os conhecimentos podem circular independentemente do capital e do trabalho. Porém, ao mesmo tempo, esses conhecimentos nascem e se difundem por heterogênesse (ou seja, ao longo de trajetórias desenhadas por aportes criativos cumulativos, cooperativos e largamento socializados) nos contextos de produção e de uso.

Nessa lógica colaborativa, o pesquisador Lundvall classificou as interações entre produtores e utilizadores como relação de co-produção. As NTIC aceleram os processos de socialização da inovação, dos quais emerge a figura do “usuário como inovador” (JOLLIVET, 2000).

Numa releitura da obra de Gabriel Tarde, Lazzarato explica que todo bem se transforma em mercadoria, e toda atividade é submetida, cada vez mais, ao domínio da moeda. Mas, ao mesmo tempo em que “a riqueza das sociedades nas quais reina o modo de produção capitalista aparece como uma gigantesca coleção de mercadorias” (MARX, 1993, p.39), “os conhecimentos e as afeições se prestam cada vez menos a este gênero de avaliação” (TARDE, 1902, p.296). Estaríamos vivendo, portanto, o início da queda do regime capitalista de acumulação?

Segundo o autor, mercadorias e conhecimentos têm propriedades essenciais opostas. Enquanto as mercadorias são “tangíveis, apropriáveis, cambiáveis e consumíveis”, os conhecimentos são “inteligíveis, inapropriáveis, não-cambiáveis e inconsumíveis”. Lazzarato defende que os economistas e socialistas negligenciam o estabelecimento desta diferença, pois geralmente os conhecimentos são



automaticamente “incorporados” ao trabalho e ao capital, ficando subordinados a essas duas instâncias.

Ao tratar o conhecimento como bem inapropriável, Tarde reforça a já mencionada teoria de Corsani, ao dizer que o conhecimento não precisa ser “propriedade exclusiva” de alguém para que possa ser trocado e satisfazer uma necessidade. Já as mercadorias são bens “divisíveis”, portanto só podem ser “minhas” ou “suas”, e as tentativas de colocá-las em um lugar comum fracassam diante da “natureza do objeto”. O autor defende, ainda, que o acesso a um bem é mais importante que sua aquisição e posse.

Dizer que o conhecimento é “não-cambiável”, significa, para Tarde, que aquele que transmite conhecimentos não os perde, não se desfaz deles ao compartilhá-los. Sendo assim, pode-se dizer que a transmissão de um conhecimento em nada empobrece aquele que o possui; pelo contrário, sua disseminação contribui para aumentar o valor próprio do conhecimento.

“É por metáfora ou abuso de linguagem que se diz de dois interlocutores que eles trocam suas idéias ou admirações. Troca, em matéria de luzes [conhecimentos] e de belezas, não quer dizer sacrifício: significa mútua expansão por reciprocidade de dom, mas de um dom absolutamente privilegiado, que nada tem em comum com aquele das riquezas. Aqui, o doador se despoja ao dar; em matéria de verdades, e também de belezas, ele dá e retém ao mesmo tempo” (TARDE, 1902, p.79)

No contexto das mudanças sócio-econômicas descritas neste artigo, a elaboração da “filosofia do ter”, segundo os princípios do individualismo possessivo, é radicalmente abalada, pois os conhecimentos não precisam, como as mercadorias, ser propriedade exclusiva de alguém para que sejam produzidos e trocados. Para Tarde, é impossível comandar e ditar as modalidades de produção de conhecimentos e de socialização dos conhecimentos segundo a lógica capitalista, pois a natureza da atividade subjetiva e a “natureza do objeto” implicam a “livre” produção e a “livre” socialização dos conhecimentos. Isso porque são “quantidades sociais” produzidas e reproduzidas pelo “trabalho intelectual”.

No caso dos bens imateriais, “consumiríamos nossas crenças ao pensar nelas e as obras-primas que admiramos ao olhá-las” (TARDE, 1902, p.89). O consumo não é destrutivo, mas criador de outros conhecimentos.

A regra, em matéria de livros, é a produção individual, ao mesmo tempo em que sua propriedade é essencialmente coletiva, pois a “propriedade



literárias” só tem sentido individual se as obras são consideradas como mercadorias, e a idéia do livro só pertence ao autor com exclusividade antes de ser publicada, isto é, quando ainda é estranha ao mundo social. Inversamente, a produção de mercadorias torna-se cada vez mais coletiva e sua propriedade permanece individual e o será sempre, mesmo que a terra e os capitais sejam “nacionalizados”. (TARDE, 1902, p.92)

As Implicações do Capitalismo Cognitivo no Mercado Musical

É possível perceber que todas as áreas do campo cultural vêm sendo afetadas diretamente pelo paradigma do capitalismo cognitivo e pelas alterações que esse novo modelo econômico coloca em vigor. Nesse sentido, a cultura se torna uma das formas-motriz do capitalismo cognitivo, à medida que quanto mais a criação é tornada propriedade, mais o controle da inovação fica circunscrita às corporações que gerem patentes e as regras do direito autoral. O controle do tempo das criações e a liberdade para socializá-las são dinâmicas concorrenciais no interior do capitalismo atual. E, de certa forma, a capacidade de autonomia social é medida cada vez mais pela capacidade dos grupos e indivíduos constituírem novas coletividades que, sincronicamente, são capazes de criarem um mercado comum da criação, mantendo-as públicas do ponto de vista do direito, sem que isso seja suscetível à capturas privatistas das corporações capitalistas. No campo da cultura, esse conflito é mais aparente no campo da produção musical.

A partir da década de 90, a união entre internet e tecnologias de compactação de mp3 fez com que a distribuição de fonogramas deixasse de depender dos suportes físicos. “A desmaterialização do consumo de música modifica profundamente a cadeia da indústria de produção musical, já que a música deixa de ser distribuída como um bem físico, dependente de canais de distribuição, de meios de transporte e de rede de pontos de venda” (Graham et al., 2004). Como analisa Sérgio Amadeu (2007), o que torna a música um dos bens informacionais de maior impacto cultural são suas características típicas de bem imaterial – que, ao contrário do bem material, ao ser utilizado, gera aperfeiçoamento e inspira recriações. E enquanto um CD se desgasta pela ação do tempo, a música nele contida pode ser considerada velha, fora de moda, mas jamais poderá perder suas qualidades de uso.

“Tais elementos intrínsecos aos bens imateriais, informacionais, contidos na música, independentemente de qualquer outra classificação, tornam-na um bem de difícil apropriação privada. Sua capacidade se dá



pela capacidade de negação de acesso. Sua base e fonte são a cultura, a linguagem e a herança transmitida pelos meios de conhecimento. Exatamente por isso, são práticas comuns e não prestam perfeitamente à privatização. (...) Em sociedades cuja comunicação é oral, não existe sentido algum na propriedade privada de idéias e na tentativa de individualização da produção cultural” (Amadeu, Sérgio, 2007)

Segundo o professor Christopher May, estudioso da propriedade, dois argumentos são utilizados para justificar a apropriação de bens materiais: o econômico e o moral. O econômico defende que a melhor forma de distribuir um bem é por meio do mercado e, para tal, é necessário definir quem é o dono e qual é o preço do produto. O argumento moral, de origem lockiana, alega que aquele que trabalha tem o direito natural de ser proprietário do próprio trabalho. Parece ser este o conceito adotado pela indústria de intermediação artístico-cultural para gerir seu modelo de negócios e sistema de remuneração. Contudo, se por um lado a revolução tecnológica digital pela qual passamos enfraquece as possibilidades de apropriação e geração de valor na indústria da informação, por outro lado, possibilita uma produção criativa - e sustentável, de magnitudes sem precedentes (LEÃO, João; NAKANO, Davi; 2009).

O Circuito Fora do Eixo e Sua Lógica de Autogestão e Sustentabilidade

No Brasil, uma das maiores inovações do cenário da produção musical é o Circuito Fora do Eixo. O Circuito Fora do Eixo é uma rede de trabalhos concebida por produtores culturais das regiões centro-oeste, norte e sul do Brasil, no final de 2005. O principal objetivo desse grupo é estimular a circulação de bandas, o intercâmbio de tecnologia de produção e o escoamento de produtos nesta rota desde então batizada de "Circuito Fora do Eixo". Hoje o Circuito articula-se em 25, das 27 unidades federativas do Brasil, inclusive no Espírito Santo - desde 2010, a partir da atuação do Coletivo Multi e de outros coletivos capixabas. As regiões sul, centro-oeste, sudeste e norte são totalmente associadas, já que contam com todos os seus estados participando do projeto.

Este movimento cultural demonstra que o consumo de música se alterou mundialmente devido às novas tecnologias de gravação, distribuição e divulgação de produções musicais. A partir dessas inovações tecnológicas, o CFE se articula e constrói cada vez mais uma cena musical nacional que se constitui em rede.

Orientados pela perspectiva da gestão auto-sustentável de coletivos culturais, os



idealizadores do Circuito criaram um sistema solidário pautado pela troca de serviços e produtos, conhecido como Cubo Card. Esse modelo de gestão gerou uma alternativa de remuneração e investimento nos agentes, empreendimentos e ações do cenário local de Cuiabá – onde foi criado -, que retroalimentam o mercado utilizando serviços e produtos da própria cadeia produtiva para seu desenvolvimento. O Cubo Card pode ser utilizado em restaurantes, hotéis, escola de inglês, papelarias, agências de comunicação, bandas, eventos, produtoras, lojas, estúdios, casas de shows, entre outros que constituem o leque de serviços e produtos do Banco solidário. O objetivo é replicar esse modelo de gestão auto-sustentável nos coletivos culturais do Circuito Fora do Eixo e em outras organizações.

Aliados ao Cubo Card, os festivais independentes que se proliferavam em toda a rede mostraram ser possível produzir em escala auto-sustentável, pautando-se sobretudo no contato direto com produtores de outros estados, através de uma rede de informações e sob uma lógica da união de pequenos em prol de grandes ações. Dessa forma, surgiram iniciativas como o Grito Rock América do Sul, que em 2010 aconteceu em 74 cidades – sendo 4 cidades da Argentina, Bolívia e Uruguai); e também o Festival Fora do Eixo, que em 2010 foi mais uma vez capitaneado em São Paulo, o maior centro logístico do país, além de ter recebido uma edição também no Rio de Janeiro.

Com o objetivo de ocupar espaços estruturados na web para facilitar o acesso do público ao numeroso banco de dados que vem sendo engendrado pelo circuito em todo o país, foi criado o Portal Fora do Eixo. Com formato de portal de notícias e rede social, o site permite grande troca de tecnologias. Atualmente, há aproximadamente 3 mil pessoas cadastradas¹⁰. E dois dos talentos mais importantes do Circuito são a banda Macaco Bong e o rapper Emicida.

Macaco Bong e Emicida. Um Estudo Sobre Como Artistas do CFE Gerem Suas Carreiras

Neste trabalho traremos entrevistas com alguns artistas que integram o CFE – a banda Macaco Bong e o *rapper* Emicida -, com a finalidade de entender como ocorre a produção cultural dos artistas dessa rede alternativa e como eles se articulam em prol não apenas de seu trabalho, mas também do trabalho de tantos outros artistas que vivem

¹⁰

Acessado em 23 de março 2011

de auto-gestão. As entrevistas nos foram concedidas nos bastidores do Grito do Rock Vitória, capital do Espírito Santo, onde Macaco Bong e Emicida apresentaram-se na noite do dia 25 de março de 2011.

A Macaco Bong é uma banda de rock instrumental, oriunda de Cuiabá (Mato Grosso). Começou suas atividades em 2004 como um quarteto, mas em 2005 se transformou em power trio, com Bruno Kayapy (guitarra), Ynaiã Benthroldo (bateria) e Ney Hugo (baixo). Em 2008, o grupo lançou um “álbum virtual” – não gravado em mídia física, distribuído gratuitamente, incluindo encartes e *making of* - pela Trama. Este álbum despertou a atenção de críticos profissionais da área, gerando críticas positivas da revista Rolling Stones e do Caderno 2 do jornal O Estado de São Paulo. Além disso, a banda teve a canção "Fuck You Lady" incluída em uma coletânea de bandas independentes brasileiras lançada em 2008 pela revista francesa Brazuca.

Em janeiro de 2011, a banda lançou seu primeiro CD e DVD ao vivo, "Macaco Bong e Convidados", que traz outros artistas também ligados ao circuito independente - um pianista de formação clássica (Vitor Araújo), um percussionista (Jack, da banda Porcas Borboletas), um rabequeiro (Siba) e um naipe de metais (Móveis Coloniais de Acaju). Ao longo da carreira, Macaco Bong já tocou com Gilberto Gil, em festivais como Planeta Terra e SWU e com inúmeros artistas independentes por todo o Brasil, nos festivais realizados localmente e nacionalmente pelo Circuito Fora do Eixo.

O baixista da banda, Ney Hugo, nos falou um pouco sobre a importância do FE para a cultura nacional e sobre as mudanças que vêm acontecendo no mercado da música:

A indústria da música sempre foi marcada pelas grandes gravadoras, então havia quatro ou cinco bandas que ocupavam a grande mídia e faziam alguns shows pelo Brasil e, enquanto isso, um monte de banda que não conseguia se destacar e tinha dificuldade pra sobreviver. Hoje, com esse nivelamento de oportunidades, temos o exemplo do Emicida, que vendeu 10 mil discos de mão em mão, discos que ele mesmo copiou um por um; E ele vai tocar no Coachella [grande festival norte-americano] em abril. Temos o Macaco Bong que também já fez alguns festivais internacionais. E é isso que está acontecendo com muitos outros artistas brasileiros.

Aconteceu e continua acontecendo uma mudança; é um novo mercado médio que se consolida. Nesse mercado, mais pessoas, grupos e bandas têm oportunidade de ganhar o necessário para a sustentabilidade, para sobrevivência e não ter mais quatro ou cinco artistas ganhando milhões. O crescimento desse mercado médio na música brasileira vem tomando de assalto esses espaços que antes só eram ocupados pela grande indústria e pelos artistas de grande gravadora.

Quando nos montamos a banda, nunca pensamos “queremos tocar nos festivais grandes, queremos fazer shows internacionais” e hoje temos isso



como consequência de um trabalho cotidiano que fazemos muito na base. E como isso está nos fazendo ocupar outros espaços, nós vamos lá e ocupamos, demarcamos esse território na grande mídia, nos grandes festivais, porque é interessante não só para nossa banda, mas para cena como um todo.

Bruno Kayapy, guitarrista do Macaco Bong, conta como a cena musical vem se alterando dos anos 90 até os dias atuais.

Até o final dos anos 90, os músicos vinham da base artística pra tentar politicamente ocupar espaço. A banda ia ensaiar, deixava o som dela legal, gravava sua demo e ia tentar os espaços pra conseguir tocar. Hoje em dia o processo tem que acontecer ao inverso, a banda tem que primeiro analisar o que é que ela vai construir enquanto circuito, qual o papel dela na cena em que ela atua, para a partir disso ela criar uma plataforma e tocar pra frente. O CFE é uma prova muito viva de que isso, hoje em dia, é muito possível. Muitas bandas vêm se gerindo e sobrevivendo de todo esse processo. É o caso do Macaco.

Já Ynaiã Benthroldo, baterista da Macaco, defende a importância do CFE na cultura brasileira e fala sobre o papel da internet nesse novo modelo de negócios que vem se fortalecendo cada dia mais.

A maior sacada do FE, a maior virtude, é conseguir dar vazão a todos os tipos de manifestações artísticas possíveis, desde a música, o audiovisual, até as artes plásticas. Então o FE consegue difundir o máximo de todas as linguagens possíveis e dar espaço pra todas essas novas produções, que até então não tinham espaço nos grandes meios. A internet é fundamental, é a mãe dos independentes. Você consegue fazer com que a informação chegue antes que você chegue presencialmente no lugar. E isso facilita muito pra que depois chegue de fato no lugar. Uma dificuldade que tínhamos até então era a questão da distribuição no Brasil, no mercado da música. As bandas às vezes conseguiam gravar e fazer alguns shows, mas não tinham uma distribuição legal do material. E a internet facilitou muito isso, na distribuição da informação, do conceito.

Dentro do próprio FE temos milhares de listas e grupos que funcionam internet. Não nos vemos muito, porque o FE é uma rede que existe no Brasil inteiro, mas quando rola os encontros presenciais é muito bom porque já nos falávamos pela internet. Com o casamento dessa estrutura da rede com o FE, conseguimos fazer com que a informação chegue ao público e com que os coletivos locais façam um mapeamento do trabalho naquele local. Então existe o mapeamento na internet e o mapeamento físico junto aos coletivos.

Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido pelo nome artístico Emicida (fusão de “MC” e “homicida”) é considerado uma das maiores revelações do *hip hop* brasileiro nos últimos anos. Emicida lançou seu trabalho de estreia em 2009, uma *mixtape* de vinte e cinco faixas intitulada “Pra quem já Mordeu um Cachorro por Comida, até que eu Cheguei Longe...”, com o selo da gravadora independente Laboratório Fantasma. Em



fevereiro de 2010, seu segundo trabalho veio em formato de EP com o título “Sua Mina Ouve Meu Rap Também”. Em agosto do mesmo ano, o *rapper* lançou seu terceiro trabalho, intitulado “Emicídio”. Atualmente, segue se apresentando em festivais independentes por todo o Brasil – inclusive, em alguns momentos, dividindo o palco com a banda Macaco Bong -; e sua agenda de shows inclui, ainda, apresentações no festival norte-americano Coachella e no próximo Rock in Rio.

Em entrevista que nos concedeu em março de 2011, Emicida defende a importância do Circuito Fora do Eixo para a cultura brasileira:

O FE é uma iniciativa inédita dentro da nossa cultura, de disseminação de cultura independente. Muitas iniciativas já rolaram, muita coisa acontece, mas de uma forma desconexa. Mas quando você coloca todas essas bandas, todas essas iniciativas, funcionando com uma certa sincronia, aí você consegue um impacto bem maior, resultados bem maiores. Então eu acho que essa é a importância do FE, ter uma movimentação em bloco, que é uma coisa que falta no setor da música, que é essa movimentação em grandes números, ter músicos, ter bandas unidas, ter os artistas unidos por um mesmo ideal.

CONCLUSÃO

As mudanças que ocorreram nos modelos de produção industrial – em ordem histórica e simplificada: taylorismo, fordismo e pós-fordismo -, ironica e contraditoriamente aos princípios capitalistas iniciais, acabaram por originar um novo tipo de capitalismo que não visa à produção em massa, a repetição e a reprodução. Esse novo modelo de negócios, denominado “capitalismo cognitivo”, prega que os conhecimentos são bens intelectuais, portanto imateriais, e que, por isso, não devem ser regulamentados pelas mesmas leis que regulamentam as mercadorias e os bens materiais. A pregação, com ares reformistas, se trata em geral de uma nova modalidade de *enclosures*, isto é, uma estratégia de “estender e abraçar”. Pois que o imaterial é reivindicado como novo campo de exploração privada da vida. O Circuito Fora do Eixo inova porque é capaz de, ao mesmo tempo, constituir uma luta (o direito a um mercado democrático da música) e produzir riqueza (um mercado recheado de oportunidade onde circula novas moedas e regras comuns de compartilhamento dos ativos do circuito). Ele agrega artistas de todo o Brasil em prol de uma causa única, porém repleta de ramificações: disseminar a cultura por cada canto do país. E o objetivo desse grupo presente em 25 estados brasileiros é ambicioso e corajoso. Eles usam de suas próprias ferramentas de gestão e sustentabilidade, e seguem têm dois mantras como base: 1-

Conquistar autonomia no processo de produção cultural; 2- Não depender da grande mídia para divulgar seu trabalho.

E, ao contrário do que se acreditava pouco tempo atrás, nos anos 90, não é que esse grupo vem obtendo cada vez mais sucesso, agregando cada vez mais artistas que seguem o mesmo conceito e, surpreendentemente, vem ocupando espaços não apenas nos circuitos independentes, mas também na grande mídia? E um detalhe importante: a convite dos próprios grandes meios, que acabam tendo que ceder ao sucesso desses artistas e ao barulho que eles causam na cena independente junto a seus fãs.

E assim segue o mercado da música. É travada uma guerra entre os grandes empresários do setor e entre os artistas que buscam de maneira independente distribuir seu trabalho para um público cada vez maior e mais variado. Durante décadas, os primeiros sujeitos ganharam praticamente todas as batalhas – para não generalizar dizendo “todas”. Hoje, eles estão não apenas tendo que tolerar os “pequenos” artistas independentes, mas também estão tendo que incorporá-los na sua lógica capitalista tradicional, que acaba sendo um pouco dissolvida nessa simbiose.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALVÃO, Alexander; SILVA, Gerardo; COCCO, Giuseppe. **Capitalismo Cognitivo – trabalho, redes e inovação**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa – do Mercado de massa ao Mercado de nicho**. Editora Elsevier. Rio de Janeiro, 2006. 4 edição.

COCCO, Giuseppe. Introdução. In: Negri, Antonio; Lazzarato, Maurizio. **Trabalho Imaterial**. Rio de Janeiro: DPA, 2001, p.201

BAUWENS, Michel. **A Economia Política da Produção entre Pares**. Disponível em <http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-br-0607/msg00000.html>

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y Poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009.
GILMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005

MALINI, Fabio. **O Comunismo das Redes. Sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet**. Rio de Janeiro, 2007.

GORZ, André. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

NEGRI, Antonio; LAZZARATO, Maurizio. **Trabalho Imaterial – formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DPA, 2001, p.30